

Faróis: iconografia postal da costa portuguesa

Teresa Costa

A orla marítima é um limiar físico pontuado por construções que marcam a transição entre a terra e o mar: os faróis. Estes edifícios, cujo nome se deve a esse antepassado arquetípico em Alexandria, desenvolveram um simbolismo próprio inerente à sua natureza benévola: fazer chegar pessoas e bens, em segurança, aos seus destinos. Perseverantes, discretos, solitários, misteriosos até, os faróis são uma presença constante na costa portuguesa (como em várias outras), onde permanecem activos apesar (ou para além) da evolução tecnológica recente dos sistemas de geoposicionamento. Ao longo do tempo, instituíram-se como ícones do limiar, aos quais diferentes sentidos e sentimentos estão presos. Dotados de grande elegância arquitectónica, os faróis atraíram (e continuam a atrair) inúmeras representações iconográficas em diferentes meios – desenho, pintura, fotografia, cinema. São estruturas empiricamente evocadas ou homenageadas sob variadas formas – de prosaicos objectos decorativos a reproduções de elevada qualidade visual, como são exemplo os bilhetes-postais ou os selos.

Um tipo de reprodução iconográfica interessa-nos em particular: o bilhete-postal ilustrado. Representação metonímica do lugar, o bilhete-postal assume-se como uma cristalização da paisagem, i.e., uma componente visual da imaginação geográfica do espaço (neste caso, da linha costeira), que é cultural e socialmente produzida. O bilhete-postal é um repositório da memória do lugar, a qual preserva face às mutações físicas ditadas pelo tempo e pela mão humana. É ainda uma afirmação visual do modo como uma dada comunidade se faz representar (a si e/ou ao seu espaço). No caso dos bilhetes-postais que representam faróis, estamos em presença de documentos visuais que salientam um património marítimo inerente à evolução da navegação e adjuvante das comunidades piscatórias e mercantis, mas que não se manteve à margem dos tempos e espaços de lazer.

Propomo-nos analisar alguns exemplos específicos dessas representações iconográficas (os bilhetes-postais) para nelas encontrarmos uma narrativa identitária em torno dos faróis e, consequentemente, da costa portuguesa. Paralelamente, salientaremos a valia desse património marítimo consubstanciada, por exemplo, na admiração que estes edifícios têm granjeado ao longo dos tempos – evidência de tal admiração são os casos de musealização já existentes em Portugal ou o acesso a estes edifícios através do programa “Ciência Viva”.